

O QUE EXPLICA A AGRESSIVA EXPANSÃO NAVAL DA TURQUIA?

Por Erman Çete*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A expansão naval da Turquia, hoje a força marítima mais poderosa da Ásia Ocidental, é parte da estratégia de Ancara de domínio regional, garantindo recursos energéticos e remodelando o equilíbrio de poder no Mediterrâneo, Mar Negro e além.

Nos últimos anos, a Turquia ampliou significativamente suas ambições navais no Mediterrâneo, visando afirmar sua influência e proteger seus interesses na região. Mais recentemente, o exercício Mavi Vatan 2025, uma operação naval em larga escala realizada no Mar Negro, Mar Egeu e Mar Mediterrâneo entre 7 e 16 de janeiro, exibiu as aspirações marítimas estratégicas de Ancara.

A importância estratégica de garantir recursos energéticos e rotas comerciais impulsionou a Turquia a uma competição direta com os participantes regionais, posicionando sua marinha como instrumento-chave de manobras geopolíticas.

Na preparação para as eleições presidenciais em maio de 2023, o TCG *Anadolu*, que o presidente turco Recep Tayyip Erdogan chamou de “o primeiro navio UCAV do mundo”, percorreu os portos turcos, não apenas celebrando seu lançamento, mas também tornando-se um símbolo da campanha eleitoral de Erdogan e seu Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP).

Kemal Kilicdaroglu, o líder do principal partido da oposição que era rival de Erdogan na época, criticou o uso do TCG *Anadolu* para campanhas eleitorais. “*Quaisquer que sejam nossos debates políticos, nossos militares precisam ficar de fora. Assim como a campanha não pode ser feita com a bandeira, não deve ser feita com o navio do exército*”, disse Kilicdaroglu.

“LOCAL E NACIONAL”

Além de seu simbolismo político, no entanto, o lançamento do TCG *Anadolu* sinalizou uma transformação mais ampla: a Turquia estava emergindo como uma potência naval séria.

De acordo com Erdogan, a taxa de localização do navio era de 70%. “*Local e nacional*” (“*yerli ve milli*” em turco) é um dos pilares da nova política turca de Erdogan, tanto nas esferas doméstica quanto estrangeira.

Isso se encaixa em uma tendência maior: a Marinha turca atualmente tem 31 navios de guerra em construção, incluindo um porta-aviões doméstico, destróieres de mísseis guiados, fragatas multifuncionais e submarinos de ataque. Expandir suas capacidades navais tem sido um ponto focal para a Turquia, refletindo suas aspirações por autonomia estratégica e domínio regional.

O TCG *Anadolu* é listado como um “*navio de assalto anfíbio multiuso*” no inventário da Marinha. Seu projeto é baseado no navio de assalto anfíbio espanhol *Juan Carlos I*, com especificações semelhantes em comprimento, altura, largura e velocidade.

Originalmente planejado para aeronaves F-35 de fabricação americana, o papel do TCG *Anadolu* mudou quando a Turquia foi expulsa do programa F-35 dos EUA após comprar sistemas de defesa antimísseis russos S-400 em 2019. Em vez disso, o navio agora está sendo otimizado para uma frota de veículos aéreos de combate não tripulados (UCAV, *Unmanned Combat Aerial Vehicles*), o que se alinha com as crescentes capacidades de guerra de drones da Turquia.

Note-se que o comprimento do convés do TCG *Anadolu* não é suficiente para a decolagem dos jatos F-16 e F-117 no inventário das Forças Armadas turcas. A *Reuters* informou que o TCG *Anadolu* está sendo replanejado para sistemas de veículos aéreos não tripulados após esta crise. Com algumas adições, ele tem como objetivo atingir a velocidade de decolagem dos sistemas UAV-UAV em 100-150 metros.

MAIS DO QUE APENAS NAVIOS DE GUERRA: UMA DOUTRINA NAVAL ESTRATÉGICA

A capacidade da Marinha turca não se limita ao TCG *Anadolu*. A Turquia está construindo simultaneamente vários navios de guerra avançados. As corvetas da classe ADA, os quatro primeiros navios produzidos sob o Projeto Navio Nacional (MILGEM), já estão em serviço.

A partir do quinto navio em diante, a construção das fragatas da classe ISTIF começou, com sete atualmente em construção. Além disso, a Turquia está construindo os navios de patrulha offshore da classe HISAR, os submarinos de ataque da classe Reis e um novo tipo de embarcação caça-minas.

A Turquia também está desenvolvendo um porta-aviões totalmente nativo sob o Projeto MUGEM e avançando no trabalho do TF-2000 Destroier de Defesa Aérea. Um arsenal crescente de drones subaquáticos está fortalecendo ainda mais o domínio marítimo da Turquia.

Mas o desenvolvimento naval da Turquia não se trata apenas de expandir sua esquadra. Ele é sustentado pela doutrina da “Pátria Azul” (Mavi Vatan), que busca estender o controle marítimo da Turquia sobre vastas áreas do Mediterrâneo Oriental, Mar Egeu e Mar Negro.

Embora Erdogan e o AKP usem esses desenvolvimentos para consumo político doméstico, alguns críticos apontam corretamente que a construção de uma marinha forte é um processo de longo prazo, e uma parcela significativa desses projetos é anterior ao AKP.

O contra-almirante aposentado Ali Deniz Kutluk, que serviu por seis anos como diretor do Quartel-General Político-Militar da OTAN em Bruxelas, explica que cada um deles é um desenvolvimento de projeto para atender a outro requisito. Eles são desenvolvidos dentro da estrutura prevista pelo Force Planning System, a ser implementado em ciclos de dois ou três anos.

De fato, desde meados da década de 1990, a Marinha turca vem explorando recursos nacionais para projetar, desenvolver e construir uma corveta totalmente doméstica. Em 2004, o Istanbul Shipyard Command estabeleceu o MILGEM Project Office para executar e coordenar projetos de *design*, engenharia e construção.

Pode ser surpreendente lembrar que a Marinha turca, da qual o governo do AKP tanto se orgulha, já foi alvo de processos.

O almirante da Marinha turca Ozden Ornek, um dos oficiais mais importantes que iniciaram o projeto MILGEM durante a primeira parte dos anos 2000, foi na época culpado por seus “*diários de golpe de estado*” pelo AKP e sua antiga aliada Organização Fetullah Gulen (FTO), por planejar um golpe contra Erdogan e o AKP com seu companheiro de armas.

“PÁTRIA AZUL” E SUAS IMPLICAÇÕES

O espaço marítimo é um elemento-chave na doutrina geopolítica turca contemporânea. Até recentemente, o principal ponto de tensão no domínio marítimo era com a Grécia e Chipre. O desenvolvimento da capacidade técnica para perfuração de petróleo e gás no mar, a descoberta e exploração do campo de Prinos no Mar Egeu e o processo da ONU de elaboração da Convenção sobre o Direito do Mar começaram a mudar as coisas na década de 1970.

Oficiais seniores da Marinha turca adotaram e usaram o termo “Pátria Azul” em 2006 para denotar a necessidade de a Turquia reivindicar e defender uma ampla zona econômica exclusiva (ZEE). Na década de 2010, essa doutrina foi estendida além do Egeu e Chipre para o Mar Negro e o Mediterrâneo Oriental.

Desde então, Erdogan se tornou um dos principais expoentes da “Pátria Azul”, e o conceito é considerado a base da política regional “proativa” turca.

Embora a doutrina também esteja relacionada aos novos recursos energéticos no Mar Negro e no Mediterrâneo Oriental, ela pode ser vista como um amplo conceito geopolítico que, em última análise, aspira controlar as rotas de trânsito marítimo oriental para a Europa.

Kutluk aponta para este aspecto da doutrina:

“O Mediterrâneo é um importante campo de manobras geopolíticas em muitos aspectos. Cerca de 7.000 navios mercantes por dia fornecem uma parte significativa da logística da Europa por meio do transporte neste mar. É a rota de trânsito para petróleo e gás do Oriente Médio para o Mar Vermelho, Mediterrâneo, Egeu, Mar Negro, Europa e Atlântico. O transporte bidirecional de hidrocarbonetos por esta rota é importante para a Turquia e outros. Portanto, pode ser considerado a geografia vital do nosso comércio exterior.”

O almirante aposentado Alaettin Sevim, que foi preso sob acusações de “tentativa de golpe” durante os julgamentos “Ergenekon” planejados em conjunto pelo AKP e o FTO, pensa de forma semelhante. Ele disse ao *The Cradle* que a região é importante não apenas por seus recursos energéticos potenciais, mas também por garantir que os recursos energéticos de regiões vizinhas sejam transportados para os mercados.

“É a intersecção de importantes rotas marítimas para o comércio mundial, como o Canal de Suez, o Estreito Turco e as rotas do Mediterrâneo. O Mediterrâneo sempre foi o centro geoestratégico (heartland) do mundo no mar. Hoje, esse centro mudou para o Mediterrâneo Oriental.”

Além disso, Kutluk acha que a presença da Marinha turca na Líbia, Somália e Chifre da África, bem como no Líbano com a força UNIFIL da ONU e no Catar com outros elementos das Forças Armadas turcas, cada um tem suas próprias razões. “É mais razoável ver todos eles como relacionados à expansão das esferas de interesse e influência da Turquia”, ele postula.

Além dos recursos de hidrocarbonetos, incluindo hidrato de gás, também é adequado para a produção de energia dos mares por meio do vento, correntes de maré e pela instalação de painéis solares.

Além disso, a ilha de Chipre, afirma Kutluk, que é a segurança das costas do sul da Turquia, também fornece sua segurança por meio da autodeclarada República Turca do Chipre do Norte (TRNC).

ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS, MAS PENDENDO PARA A OTAN

A expansão naval agressiva da Turquia levou a tensões crescentes com a Grécia, Egito e Israel, todos com reivindicações sobrepostas no Mediterrâneo Oriental. A Grécia, em particular, reagiu fortemente à doutrina da “Pátria Azul”, temendo invasão de suas águas territoriais.

A expansão naval turca não é, portanto, apenas sobre defesa, mas também sobre competição regional de poder. O posicionamento assertivo das forças navais turcas nessas águas contestadas aumentou as tensões diplomáticas e levantou preocupações sobre potenciais confrontos militares.

Apesar das tensões com aliados ocidentais sobre questões como o sistema de mísseis russo S-400 e disputas de energia, a Turquia continua sendo um membro crucial da OTAN. Exercícios navais recentes com os EUA, como o exercício conjunto de agosto de 2024 no Mediterrâneo Oriental, sinalizam que Ancara continua a manter fortes laços militares com Washington.

O exercício foi entendido como um exercício de harmonização navio a navio entre a Turquia, que tem uma marinha de navios de assalto anfíbios no Mediterrâneo Oriental, e os EUA, com o objetivo de “*dissuadir a agressão e garantir a estabilidade*” na região.

O navio de guerra anfíbio dos EUA USS *Wasp* fez sua aparição na mídia turca graças ao seu anúncio na conta de mídia social do navio de guerra. O “*exercício de harmonização*” entre o *Wasp* e o TCG *Anadolu* no Mediterrâneo Oriental foi acompanhado pelo navio de desembarque dos EUA USS *Oakhill* e pela fragata turca TCG *Gokova*.

O *Wasp* está no Mediterrâneo desde o final de junho. É um dos dois navios de assalto anfíbio dos EUA enviados à região para conter ataques iranianos ou do Hezbollah a Israel em meio à campanha militar do estado de ocupação em Gaza, onde mais de 50.000 palestinos foram mortos.

AMBIÇÕES REGIONAIS

Embora ainda não rivalize com potências navais globais como os EUA ou a China, a Turquia agora possui a marinha mais poderosa da Ásia Ocidental e está entre as dez principais forças navais do mundo.

O almirante aposentado Sevim observa que, embora o poder naval da Turquia tenha se expandido consideravelmente, ele permanece em uma fase de transição, sendo “*uma força de médio porte*” no nível global e “*uma força de grande escala*” no nível regional.

Ele sugere que o papel futuro da Turquia dependerá de como ela integra esses avanços navais em uma estratégia geopolítica mais ampla. Kutluk, por outro lado, enfatiza que a paz e a estabilidade no Mediterrâneo Oriental devem permanecer

uma prioridade, alertando que a competição naval descontrolada pode levar a conflitos não intencionais.

Para Kutluk, a Marinha turca não pode ser considerada uma marinha (de alto mar) com uma “*dimensão global*”. Em vez disso, ela pode ser vista como instrumento de luta pelo poder regional. Embora o poder naval aprimore as opções estratégicas de Ancara, ele também traz riscos, particularmente em um ambiente onde as tensões com a Grécia, Israel e parceiros da OTAN permanecem sem solução.

Esse acúmulo não é apenas sobre prestígio. É sobre garantir recursos energéticos, controlar rotas comerciais vitais e afirmar a influência estratégica da Turquia do Mediterrâneo à África. Os próximos anos testarão se as ambições navais da Turquia se traduzem em influência duradoura ou desencadeiam mais instabilidade.

Por enquanto, sua frota crescente e doutrina marítima assertiva garantem que ela continuará sendo um ator central no equilíbrio de poder em evolução da Ásia Ocidental.

As opiniões expressas pelo autor neste artigo não refletem necessariamente as do Velho General.

Publicado no [The Cradle](#).

**Erman Çete é um jornalista turco, coautor do livro “AKP’s Dirty Wars in Wikileaks Documents”. Ele escreveu sua tese de mestrado sobre os jihadistas libaneses-palestinos na Guerra da Síria.*
